

ANNE CASSIDY

HORA MORTA
the MURDER notebooks

Tradução de
VIVIANE DINIZ

ROCCO
JOVENS LEITORES



|

Rose olhou para o sangue em seu braço. Estendeu-o sob a luz da mesa de cabeceira e viu marcas vermelhas de agulha pela pele. Passou um lenço de papel sobre elas e observou uma forma surgir: pequenas bolhas vermelhas que pareciam joias e formavam o contorno em carne viva de asas diáfanas. Rose cuidadosamente desenrolou a manga de sua blusa e cobriu o ferimento, deixando o punho solto. Esperava que o sangue secasse logo. Naquela noite, em especial, ela não queria nenhum problema com a avó.

Mas seu braço ainda estava dolorido.

Pense em alguma outra coisa, disse a si mesma com firmeza, pense em encontrar Joshua, em sair de casa sem que sua avó saiba para onde está indo realmente. Pense em manter sua borboleta em segredo, coberta pela manga. O homem no estúdio de tatuagem dissera para deixar o curativo por cinco dias, mas ela não conseguira esperar. Preferiu tirá-lo a tempo de ver Joshua. E agora tinha provocado um sangramento.

Rose, Rose, dizia a si mesma, não seja tão impaciente o tempo todo.

Ela podia ouvir Anna, sua avó, no andar de baixo. Olhou para o relógio. Já eram quase sete horas e precisava sair logo.

Pegou o estojo do violino, tirou o instrumento e o pôs sobre a cama. Então, colocou suas coisas dentro dele: a maquiagem, uma blusa, um bloco de anotações, o laptop e um livro. Fechou o estojo, conferindo para ver se estava bem fechado. Sacudiu o braço, incomodada com a manga que irritava sua pele sensível pelo ferimento e ficava grudando nela. Olhou para sua blusa branca. O vermelho estava passando por ela. Pararia em breve, ela sabia disso. E formaria uma casquinha. Então, em alguns dias, poderia ver a tatuagem ganhar vida em seu braço. Uma Morpho azul. Sua borboleta preferida.

Seu violino ainda estava sobre a cama.

Ela caminhou até a cômoda, puxou a última gaveta e abriu espaço. Depois, colocou cuidadosamente o violino dentro dela, arrumando algumas roupas por cima para escondê-lo.

Agora ela estava pronta. Tinha meia hora para chegar ao Dark Brew, a cafeteria que costumava frequentar em Camden. Apenas trinta minutos e ela encontraria Joshua de novo, pela primeira vez em cinco anos.

Estava animada.

Já não ligava mais para o sangue no braço.

Um pequeno sangramento não faria mal a ninguém.

Agora, tudo o que precisava fazer era conseguir passar por Anna.

– Você está usando preto e branco de novo? – questionou a avó.

Ela estava parada junto à porta, como uma sentinela, os olhos percorrendo Rose de cima a baixo, observando-a atentamente.

– Está me dizendo que não posso usar preto e branco? – perguntou Rose de maneira resoluta.

– Um pouco de cor não faria mal, às vezes – disse sua avó, suspirando.

– Não gosto muito de cores.

– Você parece uma fotografia antiga.

– Isso é uma nova regra? Não posso mais escolher minhas próprias roupas?

– É claro que pode. Não seja dramática. Só estava sugerindo um pouco de cor.

Quando Rose não respondeu, sua avó deu de ombros, como se admitisse a derrota, depois abriu uma bolsa grande e tirou duas notas de vinte libras. Rose não pôde deixar de observar as unhas dela. Cada uma cuidadosamente feita e decorada com uma linha de glitter em forma de meia-lua.

– Como estão indo as aulas de violino?

– Bem, estão indo bem – disse Rose, olhando para as próprias botas.

– Não ouço você praticar muito.

– Você quer que eu desista? – perguntou Rose, dando de ombros.

– E então o que você faria?

– Existem várias coisas que eu posso fazer. Poderia sair com alguns amigos.

– Os tipos horrorosos daquela escola? Ah, não, querida. Não paguei para você frequentar o internato por cinco anos para começar a andar por aí com esse tipo de gente.

– Preciso ir – disse Rose, os dedos batendo impacientemente no estojo do violino. Não iria entrar em outra briga sobre as atitudes esnobes de Anna.

– Pelo menos você parou de usar aquela maquiagem preta nos olhos.

– Você me conhece – disse Rose, desviando de Anna e seguindo em direção à porta da frente. – Sempre faço o que você diz.

Rose olhou no espelho do banheiro público. Suas pálpebras estavam cinza-escuro e os cílios, bem pretos. Ela levou um minuto para passar um pouco de batom âmbar, usando um lápis para delinear o contorno dos lábios. Quando terminou, assentiu para si mesma. Já não se parecia mais com Rose Smith. Não a Rose Smith que Anna conhecia.

Ela saiu do banheiro e se dirigiu à estação Parkway East. Passou pela bilheteria fechada, atravessou a passarela e depois desceu a escada até a plataforma. Pressionou os lábios um contra o outro, sentindo o gosto doce do batom. Passou o dedo pelos cílios engrossados. Já não estava mais usando a blusa branca. Tinha trocado por uma blusa preta de seda que havia comprado pela internet. Era a primeira vez que a usava.

O que Joshua acharia da garota que não via há cinco anos? O que ela acharia dele? Por um instante Rose hesitou, parando nos degraus. Faria mesmo aquilo? Encontrar-se com Joshua contra as instruções expressas de Anna? Ela continuou descendo, rápida e animadamente. Mas vê-lo de novo, depois de tanto tempo! O que poderia ser melhor? O que isso tinha a ver com Anna, no fim das contas? Ela já estava cansada de ter a avó organizando sua vida, dizendo-lhe o que fazer. Dentro de dois anos estaria na universidade e então arrumaria um apartamento só para ela. Não teria mais de viver com Anna. Aos vinte e um anos, receberia o dinheiro de sua mãe e então seria realmente independente.

A plataforma estava quase vazia. Mais adiante havia uma única figura, um rapaz. Deu uma espiada rápida e em seguida

desviou o olhar. O painel eletrônico mostrava que ela havia acabado de perder um trem, e ainda faltavam onze minutos para o próximo chegar. Devia ter se apressado mais no banheiro.

Podia ter ido de ônibus, era apenas meia dúzia de pontos até lá, mas ela gostava do trem. Gostava de como ele cruzava a paisagem; a via limpa e bem-cuidada que abria caminho através das construções urbanas de um lugar para outro. O ônibus, ao contrário, parava e arrancava e costurava para dentro e para fora das estradas caoticamente desordenadas. Ela não gostava disso. Só a irritava. Linhas ordenadas e contínuas faziam com que se sentisse calma.

Notou que o rapaz que estava mais adiante se movia em sua direção. Franziu as sobrancelhas. Percebeu que o conhecia. Seus ombros se tensionaram e ela apertou os dedos contra o estojo do violino. Era Ricky Harris, um colega da escola. Ela não gostava dele. Ricky estava em sua turma e parecia importuná-la constantemente.

– Oi, patricinha – disse ele.

Ela deu um sorriso formal. Era sempre melhor evitar esse tipo de conversa idiota.

– O que você tá fazendo, patricinha?

Ela levantou o estojo do violino.

– O que tem aí? Uma metralhadora? – disse ele, gargalhando com sua própria piada. – Você parece diferente. Não está nada mal.

Ele estava muito perto dela, no seu espaço pessoal. Os olhos de Ricky baixaram até a blusa cintilante dela, e ele ficou olhando para seu peito. Ela se afastou, mas ele se moveu junto com ela como se atraído por um ímã. Rose olhou além dele

para o painel eletrônico e viu que seu trem se atrasaria três minutos.

– Você pode dar o fora? – disse ela. – Prefiro ficar sozinha.

– Isso não é muito educado.

– Preferia que você não falasse comigo.

– *Preferia que você não falasse comigo!* – repetiu ele, imitando sua voz de um jeito bobo.

– Vá embora – retrucou ela, dando um passo para o lado.

– Sua vaca arrogante – falou ele, seguindo-a e agarrando a manga de sua jaqueta bem em cima da tatuagem ainda dolorida. – Só porque frequentou uma escola particular acha que é melhor do que os outros.

– Não acho não! – disse ela, puxando o braço.

Ele já lhe dissera esse tipo de coisa no colégio. Lá, ela havia conseguido ignorá-lo, mergulhar de volta na multidão, vê-lo ser engolido por outras pessoas e outras conversas. Ali, na plataforma, não havia como evitá-lo. Ela olhava fixamente para os trilhos, deixando sua visão se turvar. Decidiu ignorá-lo, não respondendo a nada do que ele dissesse. Então, talvez ele se cansasse e fosse embora. Ouviu-se um bipe, e ele se distraiu. Pegou o celular no bolso e deu uma olhada. Ela caminhou para o lugar mais distante na plataforma, segurando com força o estojo do violino, como se estivesse com medo de que ele o pegasse. Ela parou quando chegou à cancela e se sentiu mais calma. Os trilhos se estendiam em direção à escuridão silenciosa. De um lado, havia casas, e do outro, o cemitério local.

Era desse jeito que ela gostava. Sozinha.

Longe de pessoas como Ricky Harris.

Ela não socializava muito no colégio. Havia duas garotas de quem gostava em sua turma de inglês, Sara e Maggie. Sara e Maggie eram melhores amigas desde o maternal, mas pareciam felizes quando Rose se juntava a elas para comer um sanduíche na hora do almoço. Na maioria das vezes, no entanto, Rose preferia ficar sozinha. Os alunos do seu colégio tinham estudado em escolas *normais*, e ela era a única procedente de um internato. Para eles, ela parecia diferente, agia diferente. Nas poucas semanas em que estivera no colégio, aprendera a se manter na dela.

– Ei!

Ricky Harris a chamou.

– Ouvi uma história sobre você outro dia.

Ele caminhava em sua direção. Ela olhou para o painel eletrônico, que comunicava que ainda faltavam seis minutos para seu trem chegar. Mesmo assim, ela poderia não conseguir se livrar de Ricky. Ele poderia insistir em se sentar ao seu lado, conversar durante toda a viagem e estragar os momentos que ela teria para relaxar e pensar sobre aquela noite.

– Alguém me disse que sua mãe foi assassinada.

Ela ficou quieta.

– É verdade?

Ela não conseguia pensar no que responder. Uma sensação de vazio a mantinha presa no lugar. Ele olhava para ela de forma indagadora, a cabeça pendendo para o lado como se quisesse demonstrar compaixão. Rose percebeu que o odiava cem vezes mais do que cinco minutos antes. Desviou dele e andou em direção à passarela, mas ele a seguiu. Quando ela chegou à metade da plataforma, desistiu e parou.

– Bem? – disse ele.

– Minha mãe não foi *assassinada*. Ela desapareceu – explicou ela, virando-se para ele, a voz forte e direta. – Não há evidências de que esteja morta. Ninguém sabe exatamente o que houve com ela.

– Mas o mais provável é que esteja morta.

– Ela *desapareceu* há cinco anos.

Rose agarrou o estojo do violino pelas laterais. Como ele se atrevia a falar com ela daquele jeito? Ele não sabia nada sobre ela e ainda assim achava que tinha o direito de se meter em suas lembranças mais sombrias.

– Ouvi dizer que ela foi assassinada – falou Ricky Harris, a voz mais determinada.

– Ouviu errado – disse ela secamente.

A plataforma parecia mais escura. Ela queria ouvir o som do trem a distância. A onda de ruído que começava pequena e ficava maior à medida que ele se aproximava. Desejava ver as luzes da locomotiva abrindo caminho pelo escuro em sua direção.

Em vez disso, o telefone de Ricky começou a tocar, e ele olhou para ela, erguendo um dedo no ar para indicar que tinha recebido uma chamada, como se ela ainda não tivesse percebido. Estava irritada. Quantas pessoas sabiam sobre sua vida? Achava que estava segura em seu novo colégio.

Lá em cima, na passarela, as luzes estavam acesas. Uma delas, geralmente vacilante, piscava. Isso criava uma atmosfera singular, como algo saído de um filme sobre uma época passada. Durante o dia sempre havia pessoas indo e voltando pela passarela. Agora ela estava vazia. Eram quase quinze para as oito. Não estava frio, mas havia alguma coisa no ar

que lembrava o outono. Uma lufada de algo sendo queimado, o leve aroma de enxofre de um fósforo, o cheiro úmido de folhas pisadas e esmagadas.

A voz de Ricky Harris interrompeu seus pensamentos.

– Mudança de planos. Preciso encontrar alguém! – gritou ele.

Rose tentou manter uma expressão indiferente. Era um alívio ele não ir junto com ela no trem. Ricky começou a ir embora. Depois de alguns instantes ele gritou:

– Seu trem chegou, patricinha.

Ela se inclinou para a frente e olhou para a linha. Viu as luzes de um trem. Caminhou de volta, então, pela plataforma e o observou desaparecer em direção ao alto da escada. Pôde finalmente relaxar. Ricky era detestável, e ela teria de se esforçar mais para evitá-lo. Toda aquela história sobre sua mãe. Como pôde lhe perguntar aquilo? Como pôde se intrometer em suas lembranças mais tristes e pessoais?

O trem estava se aproximando, então ela andou até a beirada da plataforma. Não demoraria muito para ver Joshua. Uma pontada de dor em seu braço fez com que ela o segurasse suavemente. O que ele acharia da sua tatuagem de borboleta? O que acharia *dela*, Rose Smith, dezessete anos, sua irmã adotiva, que ele não via há cinco anos?

– Vejo você mais tarde, patricinha!

A voz de Ricky Harris veio do alto e ela olhou para cima e o viu andar pela passarela. Havia alguém vindo do outro lado. Um homem vestindo um agasalho com capuz que caminhava a passos largos, correndo, provavelmente, para não perder o trem. Ela olhou para os trilhos e viu a locomotiva desacelerando, depois voltou os olhos novamente para a passarela no alto.

Ricky Harris estava falando com o homem encapuzado.

Ela observou, intrigada.

Estavam brigando, falando alto, mas ela não conseguia entender por causa do barulho da aproximação do trem. Rose olhou para os trilhos e depois novamente para a passarela lá em cima; uma, duas, três vezes. Estava acontecendo algum tipo de confusão, com puxões e empurrões.

Mas, de repente, parou.

O homem encapuzado se virou e foi embora, alegremente, como se seus sapatos tivessem molas, e ela viu o capuz desaparecer. Fez força para tentar ver a cabeça de Ricky Harris sobre a lateral da passarela.

Será que tinha sido derrubado?

Ela bufou de raiva. Por que deveria se importar?

O trem parou à sua frente, emitindo um som parecido com o de um longo suspiro, e, do lado de dentro, um homem usando um sobretudo preto se levantou e caminhou até a porta. Rose olhou novamente para a passarela. Ainda não havia nenhum sinal de movimento.

E daí?

As portas do vagão estavam para se abrir. Rose podia ver o homem do lado de dentro esperar pacientemente, olhando para o celular. Havia somente mais duas pessoas no vagão, ambas lendo jornal.

Ela deu um passo para trás e olhou para cima. Será que, de alguma forma, havia *deixado de ver* Ricky Harris se levantar e sair tropeçando em direção à bilheteria, seguindo o outro homem para fora da estação?

As portas do trem continuavam fechadas. O homem do lado de dentro parecia perplexo, o dedo pronto para apertar novamente o botão de *Abrir as Portas*.

Ela estava a apenas alguns metros da escada. Tomou uma decisão rápida e caminhou até lá. Depois subiu a escada, com o estojo do violino batendo em suas costas. Quando chegou no topo, parou para tomar fôlego. Ao olhar para a passarela, viu Ricky Harris caído com o rosto para baixo, a meio caminho de onde ela estava. Acima dele a luz tremeluzente piscava contra o céu noturno.

Ela ouviu o som das portas do trem se abrindo lá embaixo.

– Você está bem? – perguntou ela.

Virou-se e olhou para a parte de baixo da escada. Ela precisava pegar o trem.

– Está tudo bem? – repetiu, desta vez mais alto.

Ele não se mexeu. Ela podia ouvir passos nas escadas atrás de onde estava. Mais de uma pessoa. Hesitou. Precisava pegar o trem. Ela se virou para ir, mas algo chamou sua atenção.

Um brilho vermelho. Na altura da cintura de Ricky Harris, na passarela. Rose olhou para aquilo. Então ouviu as portas do trem se fechando lá embaixo.

Agora era tarde demais para pegá-lo.

Havia sangue na passarela, vindo de debaixo do corpo de Ricky Harris. Escorria da jaqueta dele, vermelho-escuro. Ela permaneceu completamente imóvel. O sangue cintilava sob a luz tremeluzente como joias líquidas. Ela não se mexeu. Não *conseguia* se mexer.